



O avanço da urbanização no Oeste Baiano: novos núcleos de povoamento

The advancement of urbanization in West Baiano: new centers of settlement

El avance de la urbanización en region Oeste de Bahia: nuevos núcleos de poblamiento

Suelí Almeida dos Santos  

Secretaria de Educação da Bahia - SEC-BA, Santana (BA), Brasil

salmmeida@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo busca discutir sobre as novas dinâmicas da urbanização no oeste da Bahia. Para tanto, analisou-se os núcleos de povoamento que vêm apresentando um rápido crescimento urbano e populacional como reflexo da modernização acelerada, impulsionada pelo agronegócio e por meio das políticas públicas recentes nos subespaços dessa região. A metodologia pautou-se num levantamento de dados em campo, bem como em fontes secundárias, visando refletir sobre a alteração das formas e conteúdos do sistema urbano regional, a partir das últimas décadas, sobretudo em função da presença de novos objetos técnicos e informacionais.

Palavras-chave: Urbanização regional. Modernização acelerada. Aglomerações urbanas.

Abstract

This article aims to discuss the new dynamics of urbanization in western Bahia. Therefore, it was analyzed the centers of settlement that have been showing rapid urban and population growth as a reflection of the accelerated modernization, driven by agribusiness and through recent public policies in the subspaces of this region. The methodology was guided on a survey of data in the field, as well as in secondary sources, aiming to think over about the alteration of the forms and contents of the regional urban system, from the last decades, especially due to the presence of new technical and informational objects.

Keywords: Regional urbanization. Accelerated modernization. Urban agglomerations.

Resumen

Este artículo pretende analizar a propósito de las nuevas dinámicas de la urbanización en Región Oeste de Bahía. Entonces, se analizó los núcleos de poblamiento que presentan un pronto crecimiento urbano y de población como reflejo de la modernización acelerada, impulsada por los agronegocios y a través de las políticas públicas recientes en los sub



espacios de esa región. La metodología se basó en levantamiento de datos en el campo, incluso en fuentes secundarias, pretendiendo reflejar sobre la alteración de las maneras y contenidos del sistema urbano regional, en esas últimas décadas, sobretudo en razón de la presencia de nuevos objetos técnicos e informacionales.

Palabras-clave: Urbanización regional. Modernización acelerada. Aglomeraciones urbanas.

Introdução

A gênese da urbanização no oeste do estado da Bahia tem como um dos principais fatores o cultivo da cana-de-açúcar no litoral e, conseqüentemente, a expulsão da pecuária para o interior da Bahia. Para Leão (1989), enquanto a cana-de-açúcar, o fumo e os cultivos alimentares se expandiam na região do Recôncavo Baiano e da orla marítima, no interior a pecuária, o algodão e as lavouras de subsistência abriam novas fronteiras agrícolas. A área da pecuária, por sua vez, era a maior de todas, “estendia-se pelos vales dos principais rios da Capitania, sobretudo pelo vale do São Francisco nos quais Antonil supunha existir mais de 500 currais no início do século XVIII e um rebanho de mais de 500.000 cabeças” (LEÃO, 1989, p. 90). De acordo com Caio Prado Júnior (2008 [1942]), entre os fatores que permitiram a ocupação dessa região da caatinga, como o interior baiano, estão: a vegetação pouco densa que facilitou o estabelecimento do homem, o relevo, a presença de afloramentos salinos (alimento indispensável ao gado) e o rio São Francisco que também viabilizava o acesso a essa região.

Além desses fatores, segundo Leão (1989), depois da agroindústria do açúcar, a mineração foi uma das atividades que teve grande importância no povoamento da Bahia e, por conseguinte, na formação de núcleos urbanos no interior do estado. Além de atrair a população para as regiões produtoras de minérios, essa atividade também contribuiu para a abertura de estradas, na formação de núcleos de povoamento nos locais de pousos dos viajantes que transitavam entre essas regiões das minas e a capital baiana e, também, aumentaram as relações das áreas de pecuária com as regiões de mineração, uma vez que as primeiras passaram a fornecer carne bovina para a população ocupada com a exploração de minérios.

No caso do oeste da Bahia, neste período da exploração de minérios em Goiás e em Minas Gerais, os principais rios dessa região tornaram-se vias de circulação e comunicação em função dos migrantes que atravessavam esse território em direção às áreas de atividade mineira. Com isso, essa região adquire uma importante dinâmica, uma vez que “alguns de seus pequenos povoados crescem no papel de entrepostos comerciais, articulando as zonas mineiras às praças de comércio do Nordeste” (SANTOS FILHO, 1989, p. 25). Ainda de acordo com esse autor, “esses processos de ocupação estavam claramente ancorados sobre a navegação fluvial” (SANTOS FILHO, 1989, p. 125).

Até esse período, isto é, metade do século XX, a rede urbana nessa região apresentava-se muito rarefeita com poucas nucleações de importância, logo, as cidades que mais se destacavam eram Barra, Barreiras e Bom Jesus da Lapa, todas com a população urbana inferior a seis mil habitantes e, na região, apenas 16% dos habitantes eram urbanos (CAR, 1997). As duas primeiras cidades eram as únicas nucleações urbanas que já contavam com a presença de uma agência do Banco do Brasil. Também são essas três cidades juntamente com Carinhanha que possuíam o serviço regular de transportes aéreos na década de 1950, com ligações privilegiadas com Salvador e Rio de Janeiro. Já em meados da década de 1940 foi instalado um aeroporto em Barreiras (SANTOS FILHO, 1989). Em 1969, passou-se a contar com o 4º Batalhão de Engenharia e Construção na ampliação e melhoria da malha rodoviária regional. Posteriormente, com essas ações do Estado, sobretudo a partir do final dos anos setenta, parte da região oeste se integra à expansão da agricultura da soja do cerrado brasileiro. Na sequência, outras culturas agrícolas são introduzidas de forma acelerada nessa área do extremo oeste baiano, antes caracterizada pela pequena exploração da agricultura familiar, em minifúndios (CAR, 1997). Com isso, “a população camponesa, secularmente alojada na região, enfrenta grandes problemas advindos da chegada de novos atores sociais, atrelados a outra lógica produtiva” (SAMPAIO, 2012, p. 1). Por outro lado, a chegada desses grupos contribuiu para uma certa modernização econômica na região, isto é, a introdução desta agricultura científicizada provoca alterações econômicas, mas também sociais em relação à ocupação anterior no cerrado baiano.

Nesse sentido, observa-se que a partir desse período houve uma diferenciação maior em relação ao ritmo de urbanização nos subespaços do campo moderno no

extremo oeste baiano em relação à sub-região do campo tradicional. Esta, mais recentemente, também passou a apresentar novas dinâmicas, sobretudo em função das políticas públicas implementadas nas primeiras décadas do século XXI. Portanto, o objeto de análise neste trabalho é o crescimento dos núcleos de povoamento com características urbanas que estão localizados fora das cidades-sede, tornando assim um desafio aos estudos sobre a urbanização no oeste da Bahia.

Para operacionalizar esta pesquisa foram realizados trabalhos de campo em algumas dessas aglomerações, foi feita uma revisão bibliográfica, bem como o levantamento de dados em fontes secundárias. Também foi realizado o recorte de imagens do Google Maps, a produção de mapas e de tabelas. Além dos trabalhos de campo, a vivência da autora na região (no meio rural e urbano) no período anterior à vida acadêmica, bem como o seu retorno no final desta pesquisa, atrelado às visitas constantes em função dos laços afetivos, possibilitaram um maior entendimento sobre as singularidades dessa região e as suas transformações ocorridas nas últimas décadas. Nesse sentido, as informações qualitativas através das experiências vivenciadas no cotidiano foram de grande relevância e fortemente utilizadas neste trabalho. Com isso, buscou-se compreender as dinâmicas desses novos núcleos de povoamento no oeste baiano, tendo como recorte temporal a partir da década de 1970 até o período atual.

Conformação pós-1970 no oeste da Bahia e as dinâmicas nas novas aglomerações

As novas dinâmicas que a região oeste passa a apresentar a partir dos anos setenta advêm da instalação da produção agrícola capitalizada e os novos investimentos com a introdução de atividades econômicas modernas que necessitam de mão de obra especializada; a chegada de empresas e produtores com tecnologia inovadora; o incentivo à implantação de novas culturas como a soja; a ampliação da área produtiva com agricultura altamente mecanizada no cerrado; as novas áreas com agricultura irrigada (CAR, 1997).

Concomitantemente à introdução da agricultura moderna houve uma expansão da rede viária, especialmente na ligação dessa região com Brasília através da BR-020, BR-242 e também da BR-349. Ademais, como resultado desse desenvolvimento rodoviário, “houve uma inversão dos fluxos, que deixam de se aglutinar em torno do rio São Francisco para se dar em torno das grandes rodovias, as BR-242/020” (CAR, 1997). Assim, das novas aglomerações que surgiram nesse entorno, destaca-se Mimoso do Oeste, do então povoado de Barreiras, o qual se emancipou no início da década de 2000, constituindo o atual município de Luís Eduardo Magalhães. No entanto, há outras aglomerações que ainda não se constituíram como municípios, mas que apresentam características e serviços tipicamente urbanos, tanto na área do agronegócio no extremo oeste da Bahia quanto na sub-região em que predomina a agricultura pouco mecanizada.

No oeste baiano há várias aglomerações populacionais, algumas já transformadas em distritos, localizadas fora das cidades-sede, que nas últimas décadas vêm acolhendo um maior número de habitantes e apresentando novas dinâmicas. Isso ocorreu como resultado do avanço das ações das empresas vinculadas ao agronegócio no cerrado baiano e das políticas públicas na região. Entre essas políticas, destacam-se o programa de eletrificação rural, os programas sociais de transferência de renda (o Bolsa Família), a expansão dos serviços públicos como a instalação de Unidades Básicas de Saúde, a expansão do ensino fundamental com a oferta do transporte escolar e a implantação do ensino médio, conseqüentemente uma presença maior de funcionários públicos, o aumento das aposentadorias rurais, entre outros, favorecem uma atualização dos consumos sociais.

Tais aglomerações concentram grande parte da população considerada como rural pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que algumas possuem mais de 90% dos habitantes rurais do seu município (tabela 1).

Tabela 1: População dos municípios e dos seus distritos na região oeste do estado da Bahia (2010)

Distritos dos municípios	População Total do município	População Rural do município	Percentual da População rural no distrito	População do distrito
Formoso – Bom Jesus da Lapa	63.480	20.381	26,1%	5.326
Favelândia – Bom Jesus da Lapa	63.480	20.381	19,0%	3.865
Ibiraba – Barra	49.325	26.879	45,1%	12.114
Igarité – Barra	49.325	26.879	11,6%	3.113
Inhaúmas – Santa Maria da Vitória	40.309	16.493	25,5%	4.209
Açudina – Santa Maria da Vitória	40.309	16.493	22,6%	3.726
São Manoel do Norte – Correntina	31.249	18.645	9,1%	1.692
Águas do Paulista – Paratinga	29.504	18.599	26,1%	4.862
Barra da Parateca – Carinhanha	28.380	15.795	72,9%	11.511
Sítio Grande – São Desidério	27.659	19.026	55,7%	10.591
Malhada Grande – Santa Rita de Cássia	26.250	11.343	47,9%	5.434
Boa Vista do Lagamar – Ibotirama	25.424	5.923	21,4%	1.269
Porto Novo – Santana	24.750	11.267	30,6%	3.446
Parateca – Malhada	16.014	9.455	71,3%	6.746
Descoberto – Coribe	14.307	8.166	71,2%	5.815
Missão do Aricobé – Angical	14.073	7.542	62,3%	4.699
Jupaguá – Cotegipe	13.636	6.988	53,0%	3.704
Taguá – Cotegipe	13.636	6.988	20,6%	1.441
Aroeiras – Mansidão	12.592	7.810	58,1%	4.541
Gameleira – Sítio do Mato	12.050	5.184	93,5%	4.847
Mariquita – Tabocas do Brejo Velho	11.431	7.499	59,6%	4.466
Ramalho – Feira da Mata	6.184	2.941	91,3%	2.684

Elaboração própria. Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

Além disso, os três maiores distritos, ou seja, Ibiraba (em Barra), Barra da Parateca (em Carinhanha) e Sítio Grande (em São Desidério), possuem uma população superior aos cinco municípios menos populosos da região, os quais são: Muquém do São Francisco, Canápolis, Jaborandi, Feira da Mata e Catolândia (Tabela a seguir).

Tabela 2: Total da população dos 36 municípios da região oeste do estado da Bahia, total e percentual da população urbana (2010) e população estimada (2019)

Municípios	População Total (2010)	População Urbana	Percentual da População urbana	Pop. Estimada (2019)
Barreiras	137.427	123.741	90%	155.439
Bom Jesus da Lapa	63.480	43.099	68%	69.148
Luís Eduardo Magalhães	60.105	54.881	91%	87.519
Barra	49.325	22.446	46%	53.578
Santa Maria da Vitória	40.309	23.816	59%	39.845
Serra do Ramalho	31.638	6.274	20%	31.472
Correntina	31.249	12.604	40%	32.137
Paratinga	29.504	10.905	37%	32.000
Carinhanha	28.380	12.585	44%	29.018
São Desidério	27.659	8.633	31%	33.742
Santa Rita de Cássia	26.250	14.907	57%	28.338
Ibotirama	25.424	19.501	77%	26.927
Santana	24.750	13.483	55%	26.614
Formosa do Rio Preto	22.528	13.647	61%	25.591
Riachão das Neves	21.937	10.744	49%	22.339
Buritirama	19.600	7.905	40%	21.174
Cocos	18.153	8.572	47%	18.777
Serra Dourada	18.112	6.002	33%	17.386
Malhada	16.014	6.559	41%	16.845
Coribe	14.307	6.141	43%	14.194
Angical	14.073	6.531	46%	13.977
Baianópolis	13.850	3.482	25%	13.877
Cotegipe	13.636	6.648	49%	13.782
Cristópolis	13.280	3.133	24%	13.910
São Félix do Coribe	13.048	10.587	81%	15.391
Mansidão	12.592	4.782	38%	13.643
Wanderley	12.485	5.878	47%	12.238
Sítio do Mato	12.050	6.866	57%	13.012
Tabocas do Brejo Velho	11.431	3.932	44%	12.518
Brejolândia	11.077	1.984	18%	10.557
Iuiú	10.900	5.284	49%	10.994
Muquém do São Francisco	10.272	1.283	13%	11.348
Canápolis	9.410	3.225	44%	9.711
Jaborandi	8.973	3.040	44%	8.385
Feira da Mata	6.184	3.243	52%	5.665
Catolândia	2.612	967	37%	3.577

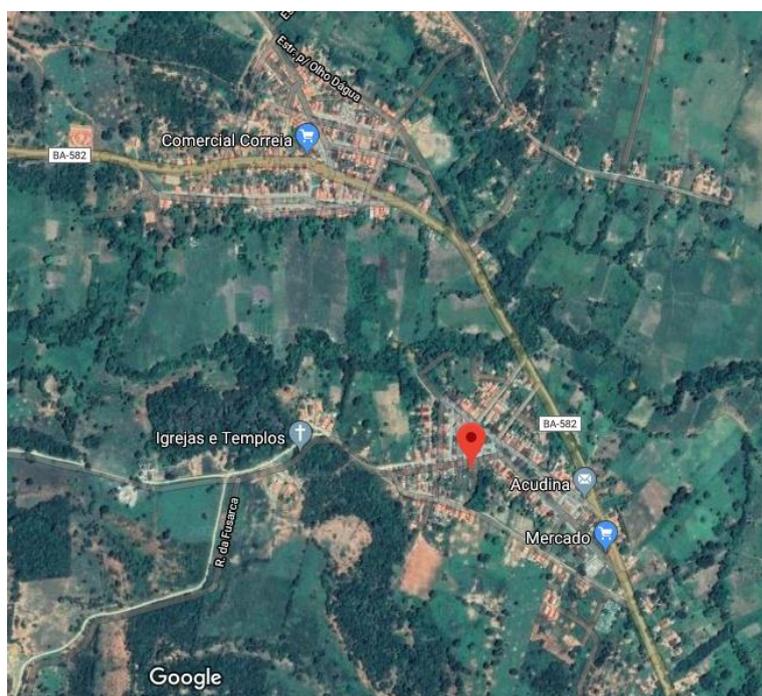
Elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE, Censo Demográfico 2010; Estimativa da População, 2019.

Muitos destes distritos, apresentados na tabela 1, localizam-se em distâncias significativas das sedes municipais, a maioria deles apresenta um arruamento das casas,

oferece alguns bens e serviços básicos para a população local, tais como: oferta do ensino médio, unidade básica de saúde, pequenos mercadinhos, farmácias, oficinas mecânicas, postos de combustíveis, barzinhos, lanchonetes, entre outros. Assim, a partir da visita em alguns destes distritos, foi possível constatar que parte da sua população trabalha nessas atividades e não tem vínculo direto com a produção agrícola e pecuária desenvolvida no entorno dessas aglomerações. Observa-se que novos consumos se impõem nesses lugares, pois o estilo de vida urbano, antes exclusivo da cidade (essa enquanto materialidade), chega aos demais subespaços do território brasileiro. Se no país, em quase sua totalidade, “a vida rural que predominava na primeira metade do século passado possibilitava que grande parte das necessidades fosse suprida local ou regionalmente” (TOZI, 2012, pp. 47-8), no oeste baiano, isso parece permanecer até a década de 1990 em grande parte dos seus municípios.

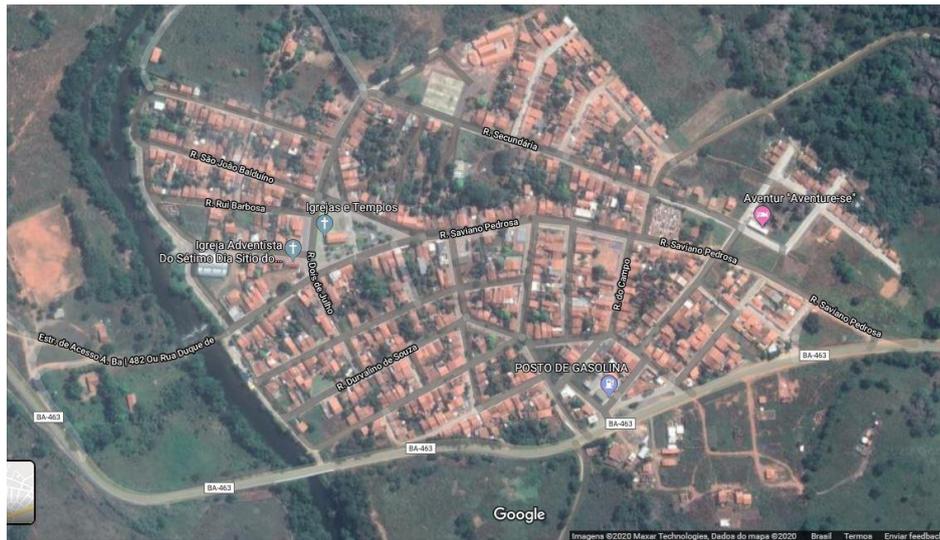
Alguns desses distritos têm a sua gênese vinculada à presença de rios como, por exemplo, Porto Novo e Gameleira. Porém, a maioria dessas novas aglomerações se ampliou significativamente em função da instalação de objetos técnicos e se caracteriza por se localizar próximo às rodovias federais ou estaduais (Figuras 1, 2, 3 e 4). Muitos desses núcleos ofertam serviços de hospedagem, restaurantes e postos de combustíveis para atender as demandas dos viajantes que trafegam por essas rodovias.

Figura 1: Distrito de Açudina no município de Santa Maria da Vitória – Bahia



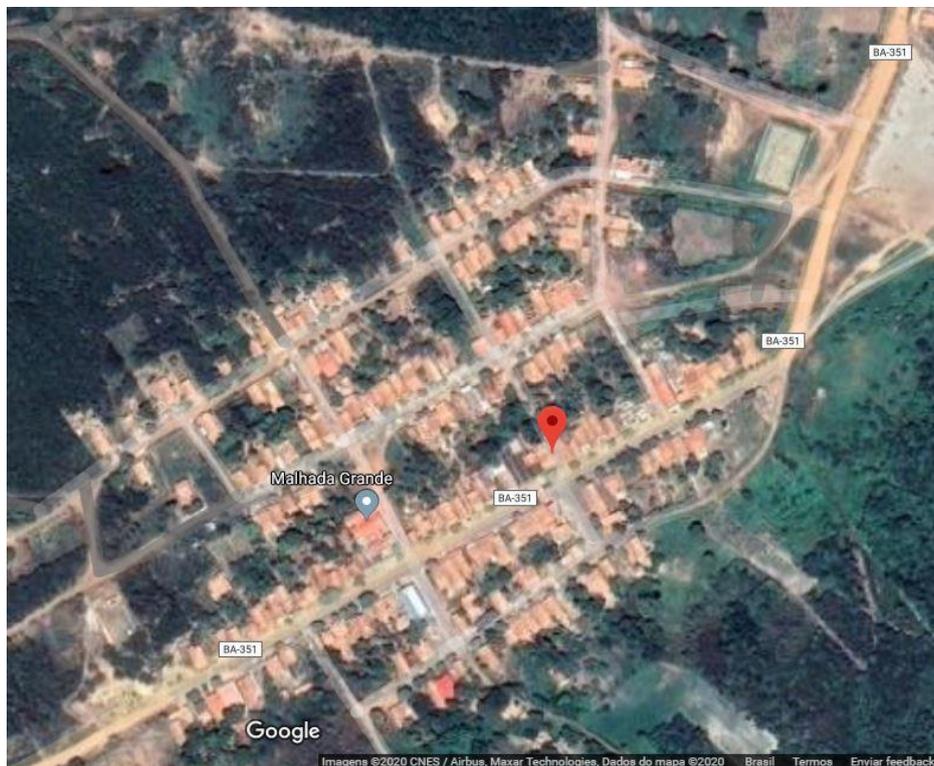
Fonte: Google Maps, 2020 (adaptação da autora).

Figura 2: Distrito de Sítio Grande no município de São Desidério - Bahia



Fonte: Google Maps, 2020 (adaptação da autora).

Figura 3: Distrito de Malhada Grande no município de Santa Rita de Cássia - Bahia



Fonte: Google Maps, 2020 (adaptação da autora).

Figura 4: Distrito de Boa Vista do Lagamar no município de Ibotirama - Bahia



Fonte: Google Maps, 2020 (adaptação da autora).

Além dos distritos citados na tabela 1, destacam-se algumas aglomerações na região oeste, que no período do último censo demográfico, em 2010, ainda não possuíam o *status* de distritos. Essas aglomerações estão localizadas próximas às grandes rodovias, como a BR-242 e a BR-020¹, na área de cerrado no extremo oeste do estado, em que se predomina uma moderna e tecnificada produção agrícola, que é responsável pelo avanço da urbanização na região. É o caso do distrito de Roda Velha² que está localizado a cerca de 130 quilômetros da sede do município de São Desidério e o distrito de Rosário que se localiza aproximadamente a 200 quilômetros da sede municipal de Correntina. Esses distritos se conformaram nas áreas de platôs planos que possuem atividades agrícolas modernas nesses municípios, diferentemente das sedes municipais que estão instaladas nos vales (mapa a seguir).

¹ A rodovia BR 242 liga a região oeste à capital baiana e a 020 a Brasília.

² Esse distrito é conhecido como Roda Velha de Cima porque há um povoamento preexistente de nome Roda Velha, localizado a 20 quilômetros da rodovia BR-020, "que são ocupações dispostas entre dois córregos que se juntam em trecho mais baixo dos chapadões. A diferença de altitude fez com que o novo povoado que surgia às margens da rodovia passasse a ser conhecido por Roda Velha de Cima" (BARCELLOS, 2011, p. 239).

em torno de postos de combustíveis com o mesmo nome do núcleo de povoamento. Assim, concordamos com Silveira (2011, p. 39) ao afirmar que,

[...] se as grandes empresas dividem as etapas de sua produção ao sabor das virtualidades dos lugares, como é o caso dos baixos preços da terra fiscal em algumas regiões, a unificação material e imaterial das etapas do trabalho depende ainda mais do dinheiro público. A partir da construção de grandes sistemas de engenharia, o território torna-se fluido e o impacto sobre a urbanização é direto, porque os novos fixos e fluxos transformam as feições das cidades existentes e provocam o surgimento de outras.

Constatou-se que na urbanização contemporânea as principais rodovias dessa região passam a cumprir um papel que na rede urbana pretérita era função exercida pelos rios mais importantes do oeste baiano, ou seja, o rio São Francisco, o rio Corrente e o rio Grande. Esse contexto aponta que os diversos objetos técnicos e informacionais incrustados nessa região, a partir das demandas da agricultura capitalista, passam a comandar a dinâmica dessa nova rede urbana. De acordo com Alves (2015, p. 259),

Até advento da agricultura moderna nos Gerais, nenhum desses núcleos urbanos se ampliou significativamente. Esse processo se inverte, entretanto, com a instalação de alguns silos de empresas, de postos de combustíveis para o abastecimento dos caminhões que transportam grãos e de oficinas mecânicas para reparos de caminhões e máquinas agrícolas. Além disso, como essas áreas se localizam distantes das sedes do município, os trabalhadores dos silos, dos postos de combustíveis e de outras atividades associadas às demandas do agronegócio e outros migrantes, sobretudo produtores agrícolas sulistas, passam a adquirir lotes no entorno desses empreendimentos para a construção de moradias.

O autor supracitado ainda destaca o padrão de formação desses núcleos com traçados de ruas largas formando quadras e que são características de cidades modernas considerando o uso intensivo do automóvel no futuro (ALVES, 2015). Esse formato se difere muito das suas sedes municipais que têm sua gênese ligada à dinâmica fluvial.

baixos e foram se aglomerando no oeste do município de Barreiras (ALVES, 2006). No início da década de 1980 foi criado um posto de combustíveis nesse povoado, localizado estrategicamente no entroncamento das rodovias federais (BR-020 e BR-242), as quais ligam essa região aos grandes centros urbanos, como Salvador e Brasília e aos estados limítrofes. Nos anos seguintes, após a criação do posto Mimoso, foi realizado pela empresa Colonizadora e Administradora Vale do Rio Grande (CARIGA) um loteamento nesse povoado com o nome de Rancho Grande. Posteriormente, ele foi alterado para Mimoso do Oeste, dada a influência do supracitado posto de combustíveis, que naquele período se chamava Mimoso e hoje ele é denominado de Posto Brasil (ILÁRIO, 2011). Com cerca de 20.000 habitantes, uma urbanização acelerada e um forte empenho dos moradores e, sobretudo, da elite agroindustrial, em março do ano 2000, esse distrito foi emancipado com o nome de Luís Eduardo Magalhães. Esse foi uma homenagem ao deputado federal (que faleceu em 1998) filho do então senador Antônio Carlos Magalhães, político de grande influência na Bahia naquele período.

Foto 1: Distrito de Rosário no município de Correntina



Fonte: Fanpage Distrito de Rosário/Facebook *apud* AGROemDIA, 2018

Figura 5: Distrito de Roda Velha no município de São Desidério

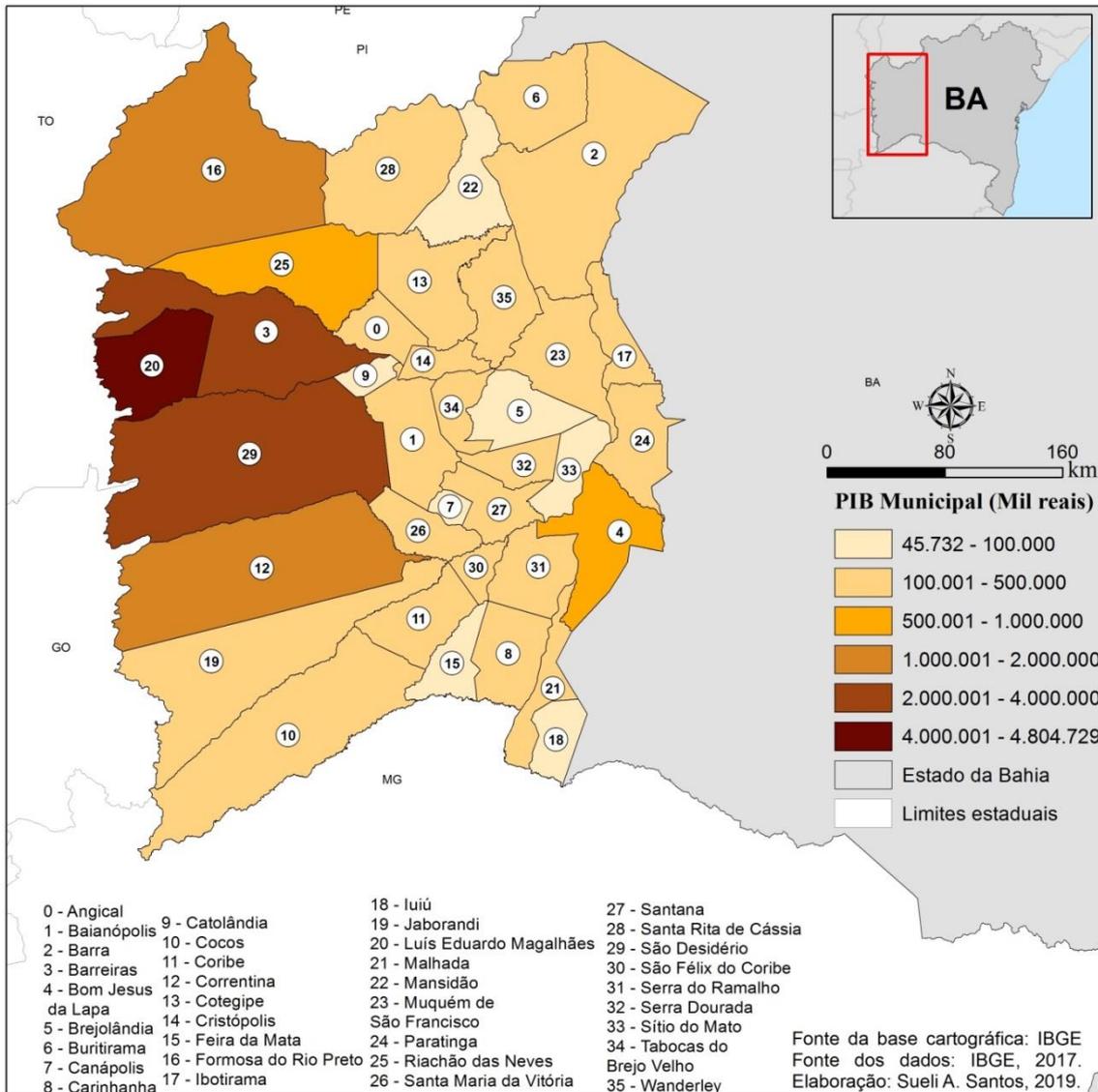


Fonte: Google Maps, 2020 (adaptação da autora).

Estima-se que as aglomerações de Roda Velha (São Desidério) e Rosário (Correntina) possuem uma população superior a 10 mil habitantes, ou seja, há mais habitantes que em alguns municípios da região. Também se percebe que esses

municípios de São Desidério e Correntina estão entre os maiores PIBs da região⁴ em função das suas atividades vinculadas ao agronegócio (mapa a seguir).

Mapa 2: Produto Interno Bruto dos municípios da região oeste do estado da Bahia – 2017



Fonte: IBGE, 2017. Elaboração: Sueli A. Santos, 2019.

Conforme apontado anteriormente, São Desidério e Correntina estão entre os municípios que apresentam uma forte dinâmica econômica devido à presença do agronegócio globalizado em seus territórios. Sendo que essa moderna produção agrícola se concentra próxima aos distritos de Rosário e Roda Velha, daí o seu rápido

⁴ Luís Eduardo Magalhães apresenta o maior PIB municipal da região com um valor de aproximadamente cinco bilhões de reais, seguido pelo município de Barreiras que apresenta um montante de cerca de quatro bilhões de reais, em terceira posição aparece São Desidério com aproximadamente R\$ 2,5 bilhões e Correntina (R\$ 1,7 bilhão) em quarto lugar. Ainda se destacam os municípios de Formosa do Rio Preto (R\$1,3 bilhão), Bom Jesus da Lapa (R\$ 994 milhões) e Riachão das Neves com 664 milhões de reais.

crescimento. Com isso, há um forte discurso em defesa da sua emancipação, alegando que as gestões públicas municipais não atendem as principais demandas dessas novas aglomerações que carecem de infraestruturas, como a pavimentação de ruas, entre outras. Segundo Barcellos (2011), a falta de investimento nesses distritos pelo poder público municipal talvez seja uma estratégia para evitar o seu desmembramento.

Nesse contexto em que a ausência do poder público contrasta com a dinâmica dos fluxos econômicos e sociais, no início de 2011, começou a ser aberto um novo loteamento às margens da BR-020. Essa falta de planejamento e controle, no desenvolvimento da paisagem urbana de Vila Rosário, talvez possa ser explicada pelo temor, por parte de alguns segmentos das elites tradicionais da cidade-sede do município de Correntina, de promover melhorias no povoado e, com isso, fornecer estímulos a uma futura separação de Vila Rosário para a criação de um município. Situação que tem como precedente a emancipação do município de LEM do município de Barreiras (BARCELLOS, 2011, p. 239).

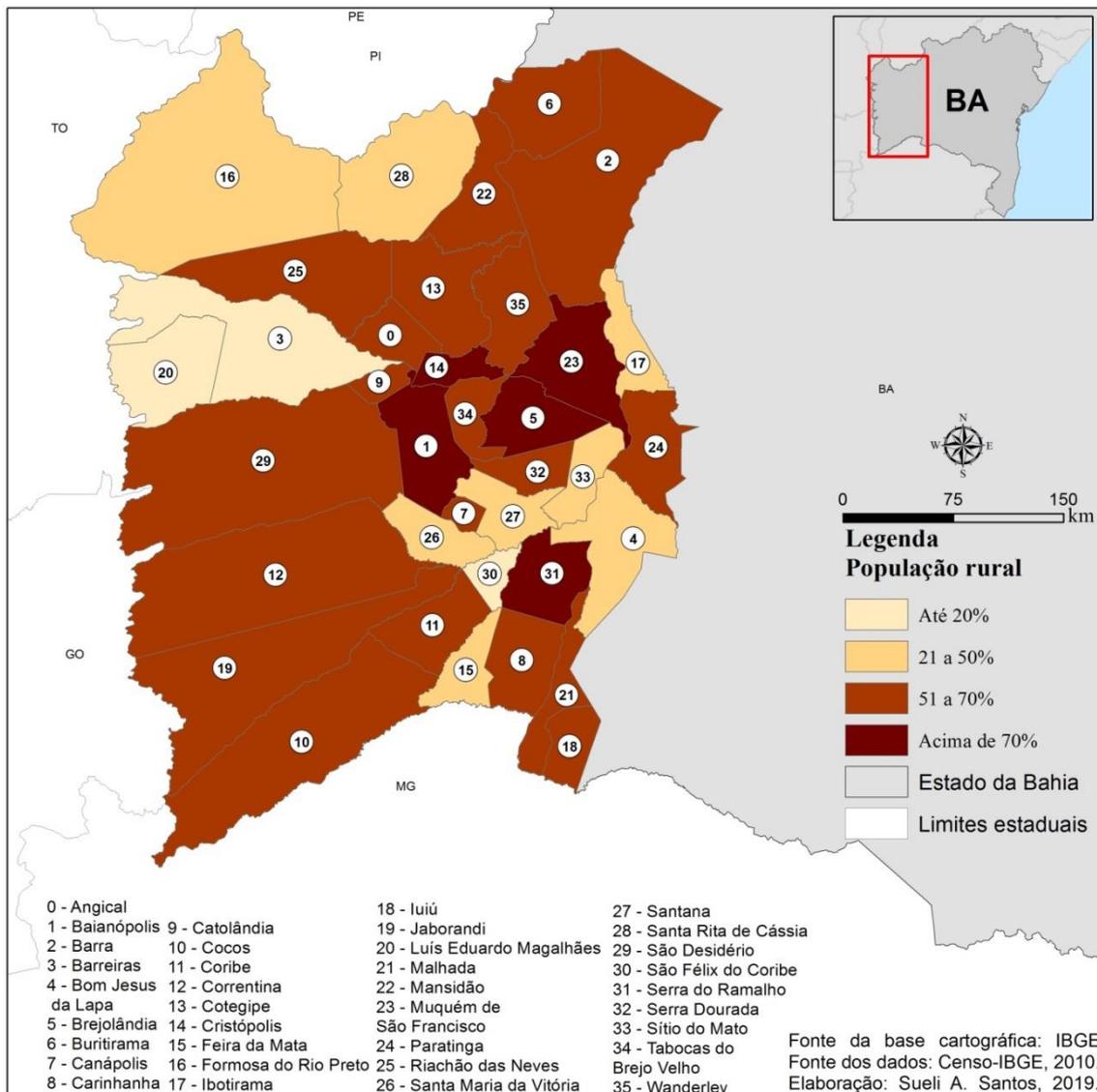
Apesar dessa falta de investimentos em serviços, conforme visto, essas aglomerações vêm apresentando fortes dinâmicas econômicas com a oferta de alguns serviços características de cidades para atender as empresas, mas também os moradores, os quais representam grande percentual da população considerada rural pelo IBGE.

Diferentemente do quadro urbano brasileiro em que, a partir da década de 1960, houve a superação do número de habitantes urbanos em relação à população rural e no estado da Bahia em que esse processo ocorreu nas décadas seguintes, isto é, o estado passou a ter mais pessoas vivendo nas cidades, os municípios do oeste baiano apresentam uma realidade peculiar. Pois, ao analisar o total da população dessa região, há um número maior de habitantes urbanos porque os municípios mais populosos concentram a maior parte dos habitantes nas suas sedes, conforme visto na tabela 2. No entanto, quando se desdobra a análise por municípios, verifica-se que mais de 70% deles (25 no total) ainda possuem uma população rural superior à urbana (mapa 3).

Constatou-se uma concentração da população nos principais centros urbanos da região e uma distribuição dispersa ou em aglomerações nos novos núcleos de habitantes considerados rurais, nas zonas rarefeitas de fixos geográficos (SANTOS, 1996b [1988]; CONTEL, 2006). Isto é, essas áreas menos populosas correspondem àquelas em que nas cidades há uma menor oferta de serviços e comércio. Conforme a proposta de Santos (2008 [1979], p. 332), “as cidades locais nascem ou desenvolvem-se como uma resposta a novas necessidades, principalmente no domínio do consumo; elas constituem o nível

mais baixo, o limiar que permite a uma aglomeração satisfazer as demandas gerais mínimas de uma população”.

Mapa 3: Percentual da população rural dos 36 municípios da região oeste do estado da Bahia (2010)



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Sueli A. Santos, 2019.

Neste sentido, poderíamos pensar a partir do contexto analisado, que na região oeste da Bahia as cidades intermediárias correspondem aos centros em que há uma maior concentração dos fixos públicos e privados, bem como da população. Já as cidades locais estão presentes nas áreas rarefeitas em termos de serviços, comércios e transportes e nestas zonas mais acomodadas, a população urbana ainda não superou o número de habitantes rurais.

Considerações finais

Neste trabalho procurou-se demonstrar que é preciso analisar as aglomerações com características urbanas localizadas fora das sedes municipais, tanto na área do agronegócio globalizado, como nos territórios em que prevalece a agropecuária de pequeno porte, para entender essa predominância da população rural na maioria dos municípios da região oeste da Bahia. Isto torna um desafio aos estudos urbanos, apesar de que desde os estudos pioneiros sobre a rede urbana (CHRISTALLER, 1966 [1933]), o tamanho da população não é um elemento que define a centralidade da cidade na sua região de influência, no entanto, esse é um dado relevante para compreender melhor as morfologias urbanas e que tem reflexos na economia das cidades.

Conforme visto, há muitos núcleos de povoamento no oeste baiano que vêm apresentando um rápido adensamento urbano e populacional. Dentre esses, destacam-se Roda Velha no município de São Desidério e Rosário, que é distrito de Correntina. Ambos estão localizados a mais de 100 de quilômetros das suas cidades-sede, já concentram alguns serviços e equipamentos tipicamente urbanos, como hotéis, restaurantes, postos de combustíveis, oficinas mecânicas, caixa eletrônico bancário e outros estabelecimentos voltados diretamente para o suporte agrícola, como as unidades de recebimento da produção. É a partir desse contexto que o discurso em defesa da emancipação vem acontecendo nesses distritos, isto é, que o Poder Municipal não atende as demandas da população local, mas, sobretudo, da agricultura mecanizada, uma vez que essa se concentra no entorno de tais aglomerações.

Assim, constatou-se que vem ocorrendo alterações nas formas e conteúdos (SANTOS, 1997) da urbanização regional, tanto no extremo oeste baiano em que há uma forte inserção da agricultura capitalista, como nas áreas mais acomodadas, pois, nas últimas décadas, esta sub-região do campo *não-moderno* (PEREIRA; KAHIL, 2010) foi tensionada pela presença de novos objetos técnicos e informacionais e vem participando da nova divisão territorial do trabalho, ainda que de forma residual.

Agradecimentos

A autora agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado que fomentou a realização da pesquisa aqui apresentada.

Referências

- AGROEMDIA. **AGROEMDIA**. 2018. Disponível em: <https://agroemdia.com.br/2018/05/11/ba-distrito-de-rosario-deve-se-emancipar-e-ser-municipio-prospero-preve-estudo/>. Acesso em: 19 de junho de 2019.
- ALVES, V. E. L. **Mobilização e Modernização nos Cerrados Piauienses: Formação Territorial no Império do Agronegócio**. 2006. 320 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ALVES, V. E. L. “Modernização agropecuária e urbanização na região de cerrados do centro-norte do Brasil”. In: ALVES, V. E. L. (org.). **Modernização e Regionalização nos Cerrados do centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e Piauí e Leste de Tocantins**. Rio de Janeiro, Consequência Editora, 2015.
- BARCELLOS, V. As supernovas: duas futuras cidades brasileiras. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, N. 29, p.227-247, São Paulo, 2011.
- CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional). **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS: Oeste da Bahia - Salvador**, 1997.
- CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. Prentice-Hall: Inc. Englewood Cliffs, 1966.
- CONTEL, F. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censos Demográficos**, 2000; 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Estimativa da população**, 2019. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579>>.
- ILÁRIO, C. G. **Região agrícola competitiva e logística no oeste baiano**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Unicamp. Campinas, 2011.
- LEÃO, S. O. Padrões espaciais de desenvolvimento urbano, 1500 - 1930. In: SILVA, S. B. M.; LEÃO, S. O.; SILVA, B. C. N. S. **Urbanização e metropolização no estado da Bahia: evolução e dinâmica**. Salvador: UFBA, 1989. Parte I, pp. 19-183.

PEREIRA, M. F. V.; KAHIL, S. P. Território e agricultura no sudoeste da Amazônia: campo não moderno e produção para o consumo local. *Mercator*, Fortaleza, v. 9, n. 19, p. 47-64, mai./ago. 2010.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, [1942], 2008.

SAMPAIO, M. **Oeste da Bahia capitalismo, agricultura e expropriação de bens de interesse coletivo**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária “Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro”. Uberlândia-MG, 15 a 19 de outubro de 2012.

SANTOS FILHO, M. (Coord.) **O processo de urbanização no Oeste-Baiano**. Recife, SUDENE - DPG. PSU - URB, 1989.

SANTOS, M. **O Espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Edusp, [1979], 2008.

SANTOS, M. **Espaço & Método**. 4. Ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Ed. Hucitec, São Paulo, [1988] 1996b.

SILVEIRA, M. L. Economia política e ordem espacial: circuitos da economia urbana? In: SILVA, C. A. (org.) **Território e ação social**: sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

TOZI, F. **Rigidez normativa e flexibilidade tropical**: investigando os objetos técnicos no período da globalização. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Autora

Suelí Almeida dos Santos – É Graduada, Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é Professora de Geografia na Educação Básica da Rede Estadual da Bahia.

Endereço: Rua Allan Kardeck, Nº 03, bairro Centro, Santana-BA, CEP: 47700-000.

Artigo recebido em: 26 de fevereiro de 2021.

Artigo aceito em: 25 de março de 2021.

Artigo publicado em: 01 de abril de 2021.